

# MÚSICA

Esteve de parabéns a cidade de Leiria pela presença da insigne violoncelista Guilhermina Suggia.

Ao Círculo de Cultura Musical se deve este empreendimento tão notável, que permitiu aos leirienses inscreverem nos fastos das suas frequentes manifestações artísticas, uma noite de verdadeira glória musical, constituída por boas obras e por boa interpretação. E' justo salientar, e nunca demais, pôr em relevo, o importante papel que na divulgação da música tem desempenhado aquela simpática Associação. A' capital trouxe os melhores artistas, sabe-se lá quantas vezes à custa de que onerosos encargos; e agora não se limita a apresentá-los numa única cidade do País, mas sim a alastrar pela província o âmbito dos seus concertos ou recitais, visando sempre o seguinte lema: em quantos mais pontos forem ouvidos, tanto melhor. E' intuito deveras louvável e que merece o nosso inteiro aplauso. E bom espírito compreensivo demonstraram os leirienses, visto que prontamente acorreram ao apelo de se fundar na sua cidade, uma delegação do Círculo... Mesmo outra coisa não havia a esperar daqueles que se orgulham e com justa razão, de cultivarem a Arte e a Ela dedicam o melhor do seu esforço e habilidade.

Só a conjugação do bom empenho do Círculo com o dos leirienses, poderia dar realidade a assistir-se à exibição maravilhosa de Guilhermina Suggia. E decerto dentro desse espírito, o público quase encheu o Teatro de D. Maria Pia, comportando-se com uma compostura e manifestando um entusiasmo que são dignos de assinalar.

Após umas ligeiras palavras de abertura do Dr. Agostinho Tinoco, que falou em nome da Comissão Organizadora, e de uma explicação das actividades do Círculo, feita pelo seu representante, deu-se início ao concerto.

Era o programa de boa e sólida contextura, obedecendo a uma apresentação criteriosa, nem sempre observada, de obras representativas dos vários períodos da história da música. Demais, tinha a enorme vantagem de não dar ao público apenas aquelas obras que ele sabe de ouvido, e que costuma citar com certa ênfase e grande grau de familiaridade, para demonstrar que percebe de música. Para aqueles que de facto se desejam cultivar, não é esse género de programas, constituídos somente por peças já muito conhecidas, que seduz, embora seja o que merece o aplauso da grande massa. Para esses, o que interessa é conhecer aquilo que não está ainda divulgado.

Foram todas as interpretações primorosas, sem excepção. No "Adágio," da "Tocata em dó maior," de Bach, mostrou Guilhermina Suggia todas as suas qualidades de profunda conhecedora das possibilidades do violoncelo, destacando com uma clareza e compreensão admiráveis, as diferentes vozes, sem detrimento do poder expressivo, perfeição só atingida pelos grandes mestres, e ainda mais difícil de conseguir no violoncelo do que nos instrumentos de tecla.

No "Allegro Spirituoso," de Senaillié e na "Sonata," de Henry Eccles foi deveras notável, dando ao primeiro uma foga que não deslustrou o espírito da época a que a peça pertence, e conferindo à segunda, um equilíbrio entre os diversos andamentos, de que resultou uma sequência harmónica na conexão de todos os movimentos, que nem sempre é alcançada por outros artistas.

Quanto às "Variações Sinfónicas," de Boëllman, perderam bastante por não terem levado acompanhamento orquestral. E nem mesmo a tampa aberta ao piano, conseguiu dar aos sons a potencialidade e o colorido que lhes transmitiria, uma boa interpretação orquestral. Foi pena, porque é obra merecedora de ser ouvida em toda a sua pujança e riqueza. E vem a propósito dizer que a audição sofreu bastante com as deficientes condições acústicas da sala.

Seguiu-se a "Sonata," de Richard Strauss, obra de espinhosa interpretação, saindo-se porém Guilhermina Suggia de todas as dificuldades, com à-vontade e brilhantismo. No entanto, não quero deixar de assinalar que tendo dado ao segundo andamento uma interpretação daquelas que raras vezes se ouvem, já com o terceiro, embora bem executado, não aconteceu o mesmo, notando-se um pouco, no seguimento da "Sonata," o tal desequilíbrio de que falei atrás. Os andamentos não tiveram o mesmo nível de interpretação, tendo sido a meu ver, esta peça o ponto fraco do programa.

A última parte do concerto, constituída por obras baseadas em motivos espanhóis, foi a que arrebatou mais o público, já pela natureza desses mesmos motivos, já pela excelência da audição. Na realidade, as arcadas saíram com uma vivacidade e vibração íntimas absolutamente concordantes com o tipo das músicas, comunicando ao público uma men-

sagem electrizante que o fez aplaudir largamente a maravilhosa intérprete.

E' justo salientar dessas obras a "Peça em forma de Habanera," que Guilhermina Suggia toca como ninguém, e a "Danza ritual del fuego," peça extra-programa, onde a forte personalidade da concertista ficou vinculada em quase cada compasso, reafirmando a quem teve a felicidade de a ouvir, o seu talento magnífico e o seu genial poder artístico.

Nos acompanhamentos, Berta Alves de Sousa, foi incansável de boa vontade, e patenteou-se boa pianista. Faltou por vezes a fusão ideal entre a solista e a acompanhante, havendo umas certas hesitações da parte do piano. Mas isso compreende-se e desculpa-se, porque deve ser deveras custoso acompanhar em obras de características tão diferentes, uma intérprete de tão alta categoria e de tão intenso fogo artístico como é Guilhermina Suggia.

Álvaro Reis